

ANÁLISE E MAPEAMENTO DO CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA: PAPEL DAS COMUNIDADES EXTRATIVISTAS E CONSEQUÊNCIAS SOCIOESPACIAIS

Palavras-Chave: CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO, BORRACHA, AMAZÔNIA

Autores(as):

João Vitor da Silva Tavares, IG – Unicamp
Prof. Dr. Kauê Lopes dos Santos, IG – Unicamp

INTRODUÇÃO:

O circuito espacial produtivo da borracha na Amazônia é, hoje, resultado de um processo histórico intenso que ilustra a capacidade perversa da articulação do capital de transformar um produto da sociobiodiversidade historicamente registrado como parte das culturas originárias em um produto com valor agregado integrado. O comércio internacional do qual faz parte esse produto, a borracha, não resguarda qualquer estabilidade às comunidades extrativistas da Amazônia, o que leva à atuação de agentes em busca de alternativas não predatórias que satisfaçam a floresta e os povos que dela vivem.

Entende-se aqui a Amazônia como domínio morfoclimático. Esta terminologia decorre da definição das valiosas considerações de Aziz Ab'Saber (2003), o qual propõe que os domínios morfoclimáticos são conjuntos espaciais de grandeza significativa no território compostos por 'esquemas coerentes' de estruturas e feições de relevo, espécies de solo, de vegetação e condições climático-hidrológicas características que tornam o arranjo relativamente homogêneo. Ainda, o autor identifica a Amazônia como um macrodomínio pelo seu destaque atribuído às mais abundantes diversidades biológicas e às magnânimas redes hidrográficas, de florestas, de ecossistemas etc.

O projeto de pesquisa opta por adotar o conceito de *circuito espacial produtivo* como categoria que orienta a análise sobre a extração da borracha natural na Amazônia. Para isto, é importante reiterar que a atividade comercial da borracha natural amazônica tem como grande motivador a localização dos espaços envolvidos como agentes – e suas decorrentes características socioespaciais – e a interdependência entre eles. Conforme Castillo e Frederico (2010), o conceito aborda o tema central da circulação em relação às etapas produtivas e a totalidade dos agentes participantes, posicionando o *espaço geográfico* como “variável ativa na reprodução social” (p. 463), isto é, como condicionante para a manutenção do circuito de um produto desde sua origem – nesse caso, a extração – até o seu formato final – nesse caso, produto transformado pelas indústrias. Como parte de uma outra possibilidade de visualização deste cenário, existe o conceito cadeias produtivas, que coincide com o circuito espacial produtivo quando se responsabiliza por acompanhar e analisar todas as etapas dos processos produtivos e da agregação de valor aos produtos e seus respectivos agentes, porém, diferencia-se no momento em que aborda uma análise sistêmica sobre todo o processo produtivo sem qualquer destaque às particularidades espaciais e suas fundamentais contribuições, visualizando-as como coadjuvantes distantes (Castillo; Frederico, 2010).

A extração da borracha amazônica é historicamente imponente para uso próprio daqueles que extraem e atravessa o comércio internacionalizado em momentos diversos com diversificadas intensidades – até mesmo para abastecimento militar estrangeiro a borracha amazônica já exerceu protagonismo. Em todo o processo que envolve a extração da borracha e sua posterior comercialização, este produto da sociobiodiversidade amazônica integra um complexo circuito espacial produtivo que carrega em sua formação numerosas migrações internas, valorização e desvalorização do produto,

negligência com o trabalhador no corte da seringa – responsável por milhares de mortes registradas em decorrência do trabalho precarizado – em benefício da circulação do capital e surgimento de organizações intermediadoras em defesa das comunidades extrativistas, entre outras inúmeras condicionantes e derivações.

METODOLOGIA:

Como passo inaugural, foi realizado o Levantamento bibliográfico, seguido pela Revisão bibliográfica. Os dados (qualitativos e quantitativos) foram coletados em fontes secundárias, a começar pela investigação e leitura de artigos, teses, dissertações, livros, anuários estatísticos, legislações e aquisição de dados em *websites* e outros repositórios. Fontes como bibliotecas físicas da Unicamp e seu acervo online, Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a Biblioteca Virtual da FAPESP, os periódicos de universidades como UEMA, UFMA E UFPA, e *websites* relevantes serviram como base para o desenvolvimento da etapa.

Posteriormente, para organização das informações reunidas, é indispensável a sistematização dos dados. A construção de fichamento de textos, de tabelas para disposição de dados e facilitação de verificação, de linhas do tempo e fluxograma, por exemplo, é parte desta etapa. A análise destes dados conclui o trabalho inicial. Com aporte teórico e técnico, os dados coletados e sistematizados foram analisados a fim de conceber resultados pertinentes à discussão acerca do tema das comunidades extrativistas de látex na Amazônia e o circuito espacial produtivo que insere o produto na dinâmica econômica globalizada. Inclusive, dentre os processos componentes da análise de dados, alguns mapas foram produzidos e outros devem ser produzidos até o prazo de encerramento da pesquisa com uso do *software* de mapeamento *QG/S*. Dados referentes aos campos demográficos, administrativos, econômicos e socioambientais foram adquiridos em plataformas como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade (ICMBio), entre outras, e, por fim, serão manipulados a fim de mapear o circuito espacial produtivo da borracha.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Dadas as condições historicamente construídas pela atuação intensa de todos os agentes, sobretudo do capital, o cenário do circuito espacial produtivo da borracha se apresenta como resultado de algumas tendências destacadas. Hoje, conforme plataforma de monitoramento de comércio internacional de produtos variados do *Observatory of Economic Complexity* (OEC), dentre os principais exportadores na categoria *Natural rubber latex* em 2023 estão Tailândia, Vietnã e Malásia (somados, têm 64,51% de participação), países asiáticos que se transformam em referências na extração de látex quando a domesticação das seringueiras passa a atender os interesses globais, iniciativa que prejudicou o comércio internacional de borracha natural da Amazônia. O Brasil, quando analisado pela perspectiva de países exportadores, tem pouca colaboração, mantendo em 2023 uma participação de 1,65% relativa ao total. Mesmo se analisadas as nações na América do Sul, no mesmo ano, o Brasil detém somente 4,92% de participação nas exportações do continente, enquanto a Colômbia assegura um percentual de participação elevado que atinge os 93,3%.

Vale lembrar, ainda, quando já num momento de participação pouco expressiva da borracha natural amazônica no comércio internacional, por volta da década de 1990, há o incremento do cultivo de seringueiras em regiões do país como Sudeste e Centro-Oeste com aporte financeiro da iniciativa privada (Martin; Arruda, 1993), as quais assumem o protagonismo na extração e comercialização do látex, marginalizando ainda mais as comunidades extrativistas na Amazônia e seus espaços vívidos (Serpa, 2019). Internamente às fronteiras brasileiras, portanto, executa-se a substituição da produção de látex das seringueiras nativas por aquela das seringueiras cultivadas em regiões estranhas à sua origem, como ocorreu em escala ampliada quando a domesticação da seringueira se efetiva em alguns notáveis países asiáticos.

Em 2022, por exemplo, das 419 mil toneladas de borracha natural produzidas no país, a parte proveniente da produção amazônica foi de somente 1058 toneladas. Houve um aumento, entretanto, em relação aos anos anteriores: em 2020, a produção foi de 899 toneladas e, em 2021, de 934 toneladas.

A média de produção dos 3 anos é marcada por 964 toneladas (Fórum Empresarial de Inovação e Desenvolvimento, 2024). A produção de borracha natural amazônica tem sido, portanto, pouco significativa quando se trata de comércio internacional, fazendo com que a migração intensa para o corte da seringa de populações com origem no Nordeste brasileiro, sobretudo, desencontre um cenário econômico local favorável, afetando diretamente os que deste circuito espacial vivem e alimentando a necessidade de ação de intervenção por parte dos agentes – do Estado, em especial.

Nesse ínterim, além do papel claro do Estado como agente regulador e provedor, emergem as iniciativas dos agentes “intermediários”, como o cooperativismo e o associativismo como caminho em direção a defesa dos direitos dos extrativistas e geração de renda. Nas condições estabelecidas pelo modelo econômico primário-exportador que impede o crescimento dos pequenos comércios extrativistas no Brasil, a principal ferramenta a ser utilizada é a organização da base popular almejando como principais objetivos o aumento da produtividade, da competitividade necessária à geração de renda e, portanto, da manutenção das famílias e de seus espaços. É neste cenário que as cooperativas e associações se articulam e se posicionam como órgãos representantes das demandas que nascem no chão, no seio da força de trabalho, para uma qualidade de vida digna.

No caso desta pesquisa, cabe citar como importante agente local a Associação dos Produtores Rurais de Carauari (*ASPROC*), organizada em 1994 por extrativistas no Médio Juruá (Reserva Extrativista), município de Carauari, estado do Amazonas. De acordo com informações do próprio *website* da organização (2022), aproximadamente 800 famílias e 55 comunidades ribeirinhas são representadas e as principais pautas passam pela produção solidária e sustentável para a melhoria da qualidade de vida com geração de renda e conservação dos recursos naturais. Dentre os focos da associação, está o favorecimento da cadeia da borracha, eixo norteador deste projeto de pesquisa sob as luzes do circuito espacial produtivo.

Ainda, para além das associações e cooperativas, existem outros corpos atuando pela promoção dos pequenos negócios liderados por extrativistas da borracha na Amazônia. Se destaca como figura protagonista a rede *Origens Brasil*, inaugurada como programa pela ONG Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (*Imaflora*), em 2016. De acordo com o próprio *website* (2025) da rede, o ensejo condutor das ações é a promoção de negócios éticos e a concomitante valorização da floresta e de seus povos. A rede atua no circuito espacial produtivo da borracha amazônica construindo a ‘ponte’ entre a produção extrativista e empresas e consumidores finais do produto transformado do látex. A rede, inclusive, favorece os negócios da sociobiodiversidade quando certifica os produtos que possuem em sua composição o látex da Amazônia aplicando o Selo *Origens Brasil*, o qual assume a responsabilidade de verificar que o produto teve seu processo produtivo ligado às práticas sustentáveis de valorização dos povos e da floresta, garantindo a rastreabilidade da laboração e, portanto, a qualidade de sua origem socioambiental. No catálogo de produtos disponível no *website* da rede, encontram-se artefatos fabricados do látex, evidenciando a forma econômica pela qual o comércio da borracha na Amazônia é resgatado num momento de baixa participação desta no comércio internacional para suprimento industrial.

Ainda em decorrência da importância da *Origens Brasil* nas etapas do circuito espacial produtivo da borracha como detentora de capacidades para atrair representantes do capital privado ao comércio da sociobiodiversidade amazônica, é oportuno sublinhar a associação da *Mercur* à operação como elemento ilustrativo, empresa-membro ativo na rede desde 2016. A empresa, grande produtora nacional de artigos escolares e para escritório, além de itens voltados à saúde, via Projeto Borracha Nativa – aliado à rede *Origens Brasil* – adquire para transformação a borracha natural de seringueiras nativas da Amazônia, sobretudo no estabelecimento de relações comerciais no Pará com os extrativistas das Reservas Extrativistas Rio Xingu, Riozinho do Anfrísio, Rio Iriri e da Terra Indígena Xipaya e, em Rondônia, das Terras Indígenas Igarapé Lourdes, Rio Branco, Sete de Setembro e Uru-Eu-Wau-Wau. De acordo com o *website* da marca, o papel do projeto se efetiva quando “valoriza o trabalho das populações tradicionais da floresta, buscando manter um modelo de comercialização focado na remuneração justa, melhorar a infraestrutura local e aprimorar os processos extrativistas”. Em 2024, inclusive, houve o lançamento da primeira borracha – material escolar – nativa da Amazônia junto à

Origens Brasil. Ainda, a corporação insiste em acentuar que, para compra do látex amazônico, desembolsa 4 vezes mais do que exigiria o mercado das áreas de cultivo. Evidencia-se, portanto, onde se localiza e como trabalha mais um agente atuante no circuito espacial produtivo da borracha natural na Amazônia.

Outro virtuoso caso de alavanca para o comércio da borracha nativa amazônica favorecendo as famílias produtoras é ilustrado pelo projeto 'Juntos pelo extrativismo de borracha na Amazônia', iniciativa da WWF-Brasil em parceria com o Memorial Chico Mendes, o Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), a Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA), a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID Brasil), o Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora), a Michelin Brasil e a Fundação Michelin, que se articulam com organizações representativas dos extrativistas como cooperativas e associações para promover o comércio da borracha na Amazônia e a geração de renda aos locais, além de impactar diretamente na conservação de mais de 145 mil hectares na Amazônia e nos espaços onde atua o projeto, sendo quatro unidades de conservação e cinco municípios no estado do Amazonas (WWF-Brasil, 2024). O resultado está nas quantidades registradas nas safras de 2022, 2023 e 2024: no primeiro, ano de criação, a produção ligada ao projeto foi de 65 toneladas; no próximo, de 130 toneladas; no mais recente, 160 toneladas. Na última e mais robusta safra o engajamento dos extrativistas nesta tentativa de retomada do protagonismo no circuito espacial produtivo rendeu cerca de R\$ 2,2 milhões para as associações envolvidas, que serviram ao benefício de 500 famílias (WWF-Brasil, 2025).

O Estado, neste contexto de valorização dos produtos da floresta, não executa ação tão pujante quanto executam as organizações exemplificadas. Há, contudo, documentações que funcionam como evidência de uma mínima atenção. O Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade (Brasil, 2009), por exemplo, se coloca como alternativa de articulação na estratégia federal entre justiça social, políticas de governo para o desenvolvimento sustentável e geração de renda. O plano destaca que pretende reconhecer, fortalecer e garantir os direitos diversos dos povos tradicionais por meio de ações integradas, das quais faz parte o eixo 7.1 (Promoção e Apoio à Produção e ao Extrativismo Sustentável), expondo de maneira breve que há o reconhecimento da questão, mesmo que não esteja especificada à borracha amazônica

CONCLUSÕES:

Os agentes que atuam na intermediação e valorização como as ONG's, associações e cooperativas, trazem evidências que marcam o circuito espacial produtivo da borracha na Amazônia nas últimas décadas por estímulos locais que praticam o benefício das famílias e das comunidades extrativistas, as quais foram submetidas ao processo histórico de apropriação da floresta pelo capital e a consecutiva dispersão produtiva que condiciona a redução de dispêndio de recursos nos processos. As amostras de atuação dispostas acima não correspondem como grande parcela da totalidade do comércio empreendido no país, porém, quando estão sob olhar analítico as escalas locais e seus espaços e comunidades que dele vivem, o horizonte é de existência concreta de alternativas ao comércio exploratório hegemônico.

Nesta conjuntura, o saber local (Santos, 1999), as técnicas próprias e os espaços e relações construídas pelas famílias de extrativistas buscam assumir mais uma vez aquilo que lhes é direito e necessário, o produto de seus trabalhos que contemplam seus modos de vida e a proteção da floresta, visto que não há qualquer prática exploratória que supere a capacidade de regeneração natural das florestas. Os seringais, as seringueiras e os seringueiros da Amazônia se encontram compulsoriamente em lugar de vulnerabilidade frente ao capital e, assim, desponta o objetivo de se fortalecer nas redes de apoio como as supracitadas, propósito para o qual este trabalho pretende contribuir.

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AZEVEDO, Solange. WWF-Brasil. Projeto “Juntos pelo Extrativismo da Borracha na Amazônia” ajuda a conservar mais de 145 mil hectares de florestas. Canutama (AM), 07 jun. 2024. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?88802/Juntos-pelo-Extrativismo-da-Borracha-na-Amazonia-ajuda-a-conservar-mais-de-145-mil-hectares-de-florestas>. Acesso em: 06 jun. 2025.

BRASIL. *Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade*. Brasília/DF, 2009.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. *Sociedade & Natureza (UFU. Online)*, v. 22, p. 461-474, 2010.

FÓRUM EMPRESARIAL DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. Produção Extrativa de Borracha Natural. *Boletim de Conjuntura Econômica*, n. 7, 2024.

MARTIN, Nelson; ARRUDA, Silvia. A produção brasileira de borracha natural: situação atual e perspectivas. In: *Informações Econômicas*, SP, v. 23, n. 09, set. 1993.

OECD. Data Availability. Disponível em: <https://oec.world/en/data-availability>. Acesso em: 16 mai. 2025.

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2, 1999.

SERPA, A. S. P. Por uma Geografia dos espaços vividos. *Geografia e Fenomenologia*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

WWF-Brasil. Safra de 2024 da borracha no AM gera 160 toneladas e R\$ 2,2 mi para seringueiros e associações comunitárias. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?90940/Safra-de-2024-da-borracha-no-AM-gera-160-toneladas-e-R-22-mi-para-seringueiros-e-associacoes-comunitarias>. Acesso em: 06 jun. 2025.